

# PLANO: DUAS MOEDAS.

## Proposta de André Lara Resende

Falidos cinco choques econômicos consecutivos (Planos Cruzado, Bresser, Verão, Collor e Collor II), entre 1986 e 1991, resta ao Palácio do Planalto repetir o erro, copiando as malogradas experiências anteriores; fazer um choque liberal que o governo inclui no seu discurso mas não sabe aplicar; ou ainda, pôr em campo a proposta de duas moedas do economista André Lara Resende, ex-diretor da Dívida Pública do Banco Central.

Economista inspirado, Resende idealizou o Plano Cruzado-junto com Péricio Arida (ambos criaram, em seguida, o Plano Larida) e desde o ano passado sugere uma mescla de dolarização — diferente da argentina — combinada com a criação de um orgão com independência absoluta, o chamado **currency board**, espécie de conselho de notáveis com poder de vida e morte sobre a moeda e portanto mais poderoso que o próprio Banco Central.

Esse conselho teria a função de comandar uma parte das reservas cambiais brasileiras, hoje da ordem de US\$ 20 bilhões. Essa parcela — US\$ 2 bilhões, por hipótese — daria o lastro necessário à emissão de um novo título, à prova de inflação. Qualquer pessoa poderia imediatamente trocá-lo por dólares no Banco Central. Conversível em

dólar, esse título seria equivalente à própria moeda norte-americana. Com tal credibilidade, a nova moeda acabaria afastando o cruzeiro de circulação. Supõe-se que os detentores de cruzeiros correriam para convertê-los na nova moeda forte, e o **currency board** emitiria mais títulos sempre tomando como base as reservas em dólares.

Como consequência, o Brasil passaria a ter uma moeda estável, os contratos poderiam ser corrigidos por ela (que seria cotada diariamente nos mercados) e aos poucos os cruzeiros iriam saindo de circulação, desmoralizados.

Na teoria, tudo possível. Na prática, o governo teria que submeter-se ao **currency board** — embora não tenha sequer a coragem de tornar independente o Banco Central. E nada daria certo sem a eliminação do déficit público e a implementação de uma política monetária apertada, em paralelo a tudo aquilo que prega mas só em parte faz — enxugamento do Estado, privatização, abertura da economia e desregulamentação.

O próprio Resende sabe: nada daria certo se tudo isso não fosse feito em conjunto, como aconteceu em todos os países que saíram da hiperinflação para o equilíbrio.

**Fábio Pahim Jr.**